

Garimpendo saberes de Antônio Pereira: Reflexões sobre a educação como ferramenta libertadora para adultos e idosos de Ouro Preto/MG

Jacyra Aparecida Meireles Rosa^{1,*}, Sara Helena Quintino², Carla Dayane Moreira Dias³, Aisllan Diego de Assis⁴

¹Docente no Centro Promocional e Educacional Padre Ângelo, 35400-000, Ouro Preto/MG, Brasil

²Docente na Escola Estadual Daura de Carvalho, 35411-000, Mariana/MG, Brasil

³Docente na Casa Escola, 35402-163, Ouro Preto/MG, Brasil

⁴Docente da Escola de Medicina. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 35402-163, Ouro Preto/MG, Brasil

*E-mail do autor correspondente: jacyyra@gmail.com

Submetido em: 20 mar. 2024. Aceito em: 16 jun. 2024

Resumo

Este artigo apresenta um relato e reflexões do Projeto de Extensão Garimpendo Saberes de Antônio Pereira, ancorado em uma proposta de ressignificação da educação para adultos e idosos, no sentido de construir uma prática educativa libertadora, capaz de acolher, ensinar e amparar os envolvidos, não só a retomarem e finalizarem sua formação escolar, mas também a se abrirem para novas possibilidades de interação e transformação pessoal e do território em que vivem. O projeto “Garimpendo os saberes” traçou como intencionalidade a alfabetização de adultos e idosos, garimpeiros(as) manuais do distrito de Antônio Pereira, em Ouro Preto/MG. Tradutores de um saber originário de povos africanos em suas diásporas nos processos minerários por parte da colonização, eles trazem em suas memórias tradições culturais transmitidas de geração para geração, mantendo viva a intenção de preservar o meio ambiente, já que o cultivo da terra é uma ação natural ao garimpo. O ponto de partida é justamente o que eles trazem em suas memórias afetivas, suas tradições culturais e experiências de vida. A partir dessas vivências, eles aprenderam o poder de transformação das palavras em suas vidas, em especial na medida em que sentem a *escrevivência*, como ensina o mestre Paulo Freire, patrono da educação brasileira e do projeto.

Palavras-chave: Educação, Alfabetização, Letramento, Aprendizagem Contextualizada, Ouro Preto.

Abstract

Mining the knowledge of Antônio Pereira: Reflections on liberating education for adults and elderly people in Ouro Preto/MG

This article presents the Garimpendo Saberes Extension Project by Antônio Pereira, anchored in a proposal to re-signify education for adults and the elderly, in order to build a liberating educational practice, capable of welcoming, teaching and supporting those involved, not only resuming and to complete their school education, but also to open themselves up to new possibilities of interaction and personal transformation and the territory

in which they live. The “Garimpendo os Saberes” project aimed to teach literacy among adults and elderly people, manual miners in the district of Antônio Pereira, in Ouro Preto/MG. Translators of knowledge originating from African peoples in their diasporas in mining processes due to colonization, they bring in their memories cultural traditions passed down from generation to generation, keeping alive the intention of preserving the environment, since land cultivation is a natural action to mining. The starting point is precisely what they bring in their affective memories, their cultural traditions and life experiences. From these experiences, they learned the transforming power of words in their lives, especially as they feel writing, as taught by master Paulo Freire, patron of Brazilian education and the project.

Keywords: Education, Literacy, Literacies, Contextualized Learning, Ouro Preto.

Introdução

Com a prática da mineração predatória na região, acelerada inclusive após o rompimento da barragem do Fundão e o descomissionamento da barragem do Doutor, a qual é mantida nos arredores do distrito de Antônio Pereira, a realidade da população local mudou radicalmente.

Neste novo ciclo de organização das atividades, a mineradora retirou os garimpeiros de sua área de trabalho alegando que seria ilegal a prática do garimpo manual; o patrimônio afrodiaspórico da região teve seu direito mais uma vez ferido. No processo jurídico entre a mineradora e a comunidade atingida, os efeitos colaterais tornaram latente a marginalização provocada pelo analfabetismo, principalmente entre os garimpeiros, o que fragiliza o processo de busca por garantias dos direitos e até mesmo a compreensão geral dos atos públicos das negociações.

A prática pedagógica do projeto de extensão ‘Garimpendo Saberes de Antônio Pereira’, aqui apresentada, surgiu por um ato de solidariedade, de conhecimento e principalmente de acolhimento de três grandes instituições de ensino, a Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto Federal de Minas Gerais (Campus Ouro Preto) e Universidade Federal de Viçosa, que fazem parte do Programa de extensão e pesquisa “De Mãos

dadas com Antônio Pereira: acolhimento, empoderamento e concretização dos objetivos do desenvolvimento Sustentável”, juntamente, com a empresa Samarco S/A, instituições e pessoas solidárias da cidade de Ouro Preto e do distrito histórico de Antônio Pereira.

Tecer e implementar uma proposta pedagógica a partir de uma construção coletiva e solidária entre pessoas envolvidas nessa modalidade, justifica-se na perspectiva de reafirmar o direito que foi negado aos que foram excluídos ou impossibilitados de estudar, concebendo o conhecimento a partir da troca de saberes, numa integração entre teoria e prática e, sobretudo, pelo reconhecimento do direito a escolarização, garantia de luta constante, em um país cheios de inconstância.

A fé e a esperança são sentimentos que nos fazem reviver, reaprender e criar. Paulo Freire em uma entrevista para a Revista Nova Escola (1993, p.9), mesmo após 20 anos, nos acalenta, pois, seu legado é vivo em nossos corações e as práticas ensinadas por ele, apesar do tempo, são inovadoras e nos fazem, todos os dias, ressignificar a educação.

Eu não posso desistir da esperança porque eu ei, primeiro que ela é ontológica. Eu sei que não posso continuar sendo humano se eu faço desaparecer de mim a esperança e a briga por ela. A esperança não é uma doação.

Ela faz parte de mim como o ar que respiro. Se não houver ar, eu morro. Se não houver esperança, não tem por que continuar histórico. A esperança é a história, entende? No momento em que você definitivamente perde a esperança, você cai no imobilismo. E aí você é tão jabuticabeira quanto a jabuticabeira.

Garantir a continuidade de uma formação acadêmica com a possibilidade de acesso as oportunidades para subsistência, foram a base para as “rodas formativas” (Assis, 2023) que estão amparando e implementando este processo construtivo pedagógico, para a alfabetização de adultos e idosos no distrito de Antônio Pereira.

Diante de tal realidade, o projeto adota as premissas do método freiriano, que se propõe, possibilitar ao sujeito, garimpeiro(a), autonomia e liberdade para pensar, agir e transformar sua vida, promovendo a escolarização dos atingidos, pois são joias preciosas que queremos garimpar e, com êxito, levá-los para a UFOP, IFMG e UFV, como alunos(as).

Desenvolver a leitura e a escrita para ler a realidade e reescrevê-la, através da promoção, interação e o fortalecimento da: autoestima, autonomia, autoconfiança, autoconhecimento e autocuidado desse grupo, em especial, fazendo-os(as) reconhecer como elementos culturais através das relações identitárias com o território, são as premissas de todo processo ensino-aprendizagem do projeto Garimpendo Saberes de Antônio Pereira.

O Projeto Garimpendo Saberes deseja construir uma educação libertadora, a partir da essencialidade do ser estético e da “Decência e Boniteza de mãos dadas” (Freire, 2007. p.32), para adultos e idosos, as narrativas das educadoras vem apresentar um novo caminho para

continuarmos em militância, inspirados pelo nosso grande Mestre, Paulo Freire (2011, p.27).

Temos de respeitar os níveis de compreensão que os educandos – não importa quem sejam – estão tendo de sua própria realidade. Impor a eles a nossa compreensão em nome de sua libertação é aceitar soluções autoritárias como caminhos de liberdade.

Espera-se que esta experiência seja um caminho para novas práticas de empoderamento de pessoas, unidas por um ideal, que precisam de ajuda para perceberem que são patrimônio humano, guardiões de saberes culturais.

Material e Métodos

Por que “Garimpendo Saberes”?



Figura 1. Logomarca do projeto, 2023.

Fonte: (Projeto “De Mãos Dadas com o Pereira”, 2022).



Figura 2. Garimpo tradicional em Antônio Pereira, Ouro Preto/MG, sem ano.

Fonte: (Projeto “De Mãos Dadas com o Pereira”, 2022).

Antônio Pereira, distrito da cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, Patrimônio Cultural da Humanidade, tem uma grande população flutuante que são os inúmeros trabalhadores que chegam ao território. Com a prática secular da mineração na região implodida após o desastre ambiental em Mariana, a realidade macro ambiental da comunidade mudou. De modo opressivo, iniciou-se o processo de descomissionamento da barragem de rejeito, localizada no meio da comunidade. Com isso, a empresa alegou ilegalidade às práticas do garimpo tradicional, patrimônio afrodiaspórico e sustento de muitas pessoas ao longo dos séculos.

O novo cenário criou demandas de toda ordem, inclusive burocráticas. Assim, o Programa de Extensão e Pesquisa “De mãos dadas com Antônio Pereira” incentivou os garimpeiros(as) a se escolarizarem, para garantirem seus direitos a partir de novas perspectivas de leitura de mundo.

Diante do contexto da ação minerária, a comunidade foi declarada atingida pela justiça do estado de Minas Gerais, o acolhimento e o empoderamento dessas pessoas, que alimentam o desejo de superação não só do analfabetismo funcional, mas também do sofrimento emocional precisa ser fortalecido para viverem com dignidade e saúde.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, Saúde e bem-estar (ODS 3) e Educação de qualidade (ODS 4), estão contemplados no projeto, apropriando o sujeito com habilidades para pensar, agir e transformar a sua vida e o meio em que vive, além de garantir, prioritariamente, a educação inclusiva e equitativa para uma aprendizagem significativa e uma vida digna, pois a educação não é neutra, conforme diz Freire (2007, p. 111).

Para que a educação fosse neutra era preciso que não houvesse discordância nenhuma entre as pessoas [...] Era preciso que não

houvesse, em nosso caso, por exemplo, nenhuma divergência em face da fome da miséria no Brasil e no mundo; [...]. Para que a educação não fosse uma forma política de intervenção no mundo era indispensável que o mundo em que ela desse não fosse humano.

Os garimpeiros são em número, a maior parte dos(as) participantes desse projeto e por isso a referência ao nome “Garimpando Saberes de Antônio Pereira”, uma vez que pela falta de oportunidades, o ofício é praticado desde crianças.

A ressignificação da alfabetização para esse público é como o ato de garimpar, pois é preciso pegar o saber mais precioso que cada um traz para criar práticas inovadoras a partir de seus conhecimentos prévios que incentivarão os envolvidos a se libertarem da opressão, presente em suas memórias.

Como ressignificar a alfabetização para garimpeiros oprimidos pelas mineradoras?



Figura 3. Aula do projeto Garimpando Saberes de Antônio Pereira, 2023.

Fonte: (Projeto “De Mãos Dadas com o Pereira”, 2022).

Essa proposta incorpora a concepção de Paulo Freire (2007, p. 98) de que “a educação é uma forma de intervenção no mundo.” Nessa ótica, a educação pensada torna-se significativa na medida em que busca uma análise crítica da realidade e de sua transformação. Conforme aponta Freire (1987), “a educação se concretiza

como espaço de construção do conhecimento e de cultura, em que os homens e as mulheres são sujeitos desse processo”.



Figura 4. Garimpeiro e a bateia, sem ano.

Considerando a relevância histórico-política das ações e do pensamento de Paulo Freire para a Educação de Adultos e Idosos, tomou-se ainda como contribuição para a elaboração desse projeto, as discussões realizadas pela abordagem sociocultural, acerca da formação humana e de seus mecanismos psicológicos, concebendo-a como processual e ligadas às relações sociais estabelecidas entre os envolvidos. Uma vez que o sofrimento mental atingiu as pessoas à medida que foram impedidas de exercerem o garimpo manual.

Em síntese, essa proposta foi construída a muitas mãos, os movimentos de construção coletiva e dos diferentes olhares sobre os desafios postos pela realidade de uma educação fora dos padrões tradicionais de ensino que, apesar de seguir o Método Freiriano, de um processo em que o(a) aluno(a) aprende a reconhecer suas “leituras do mundo”, sendo orientados também para a “leitura das palavras”, apresentam diferentes interpretações e significações da realidade vivenciada por eles(as).

As práticas implementadas e que serão descritas pelas professoras exigiu a compreensão do ser sujeito garimpeiro e construtor de conhecimento. Isso é um desafio a

ser enfrentado, sobretudo na expectativa de superar uma forma de alfabetizar diferente, que criará processos de construção e reconstrução da ação pedagógica.

Engajar e atrair um público tão peculiar, de adultos e a maioria idosos, fez com que as educadoras entendessem que ensinar exige pesquisa e paciência. Criou-se um espaço acolhedor com recursos e procedimento de interesse dos adultos e idosos, no qual os conteúdos escolares estejam associados aos conteúdos socioculturais dos envolvidos.

O planejamento tem uma correlação com os conhecimentos históricos já acumulados e no respeito as experiências de cada um. “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esse *que-fazer* se encontram um no corpo do outro (Freire, 2007, p.29).

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esse *que-fazer* se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, procurando, *reprocurando*. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar; constatando, intervenho; intervindo educo e me educo. Pesquiso porque conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (Freire, 2007, p.29).

A postura do professor deve ser de pesquisador, e de acordo com Paulo Freire (2007), os movimentos populares e à educação popular desenvolveram uma concepção dialógica a partir de temas geradores, para problematizar os conhecimentos para uma educação emancipatória.

Como foi a organização do currículo para o processo de escolarização dessas pessoas?

A organização curricular trata as definições e concepção de seus componentes dentro de um

contexto singular, apresenta os princípios (conhecimento, linguagem, aprendizagem e trabalho coletivo) e os eixos norteadores (identidade, cidadania, trabalho e cultura) nos quais se baseia todo o processo de ensino-aprendizagem, na tentativa de estruturar uma trajetória formativa multidisciplinar que possibilite uma aprendizagem significativa.



Figura 5. Aula Inaugural do projeto Garimpendo saberes de Antônio Pereira, 2023.

Fonte: (Projeto “De Mãos Dadas com o Pereira”, 2022).

As premissas curriculares foram criadas para um processo pelo qual os garimpeiros e garimpeiras reconstruirão os seus conhecimentos, em um tipo particular de experiência educativa, refletida e intencional sobre o mundo para transformá-lo.

Esse caminho abarca um conjunto de experiências, aos quais apontam vivências, convivências, ações, inter-relações que expressam significados, confrontando saberes prévios, culturais e científicos em um diálogo permanente.

Todo esse processo de ensino-aprendizagem está pautado na participação e construção coletiva, na responsabilidade e compromisso, pois é no debate das ideias e no fazer pedagógico, nos diversos espaços de produção do conhecimento que se propiciam as transformações necessárias para assegurar a

construção de uma educação democrática, libertadora, emancipatória que tenha qualidade social para todos os envolvidos.

A proposta educativa não se baseia na “pedagogia de conteúdos” muito questionado por Freire, tem uma carga horária de 250 horas/aulas com 50 encontros, distribuídos em jornadas letivas de 3 horas/aulas, duas vezes por semana. O número de atendido será de no máximo 20 pessoas. O Plano Curricular está dividido a partir das áreas de conhecimento que incorpora o Bem-viver, Saúde/Meio Ambiente que serão organizados a partir de um projeto transdisciplinar. Conforme Freire (2007, p.83-84. A).

A Alfabetização por exemplo, numa miséria, só ganha sentido na dimensão humana se, com ela, se realiza uma espécie de psicanálise histórico-política-social de que vá resultando a extorção da culpa indevida. Isso corresponde a expulsão do opressor do opressor de *dentro* do oprimido, enquanto sombra invasora. A sombra que, expulsada pelo oprimido, precisa ser substituída por sua autonomia e sua responsabilidade.

Considerando os estágios de alfabetização de cada participante, projetamos os saberes naturais e individuais de cada um e os potencializamos para que eles se sintam seguros em continuar sua trajetória acadêmica e suas lutas sociais na busca por garantias de seus direitos.

Aldravias como recurso para o letramento literário e artístico no processo de alfabetização



Figura 6. Aldravias criadas no projeto Garimpendo Saberes de Antônio Pereira, 2023.

Fonte: (Projeto “De Mãos Dadas com o Pereira”, 2022).



Figura 7. Aldravias criadas no projeto Garimpendo Saberes de Antônio Pereira, 2023.

Fonte: (Projeto “De Mãos Dadas com o Pereira”, 2022).

O que é a Aldravia? “É uma forma poética criada em Mariana, MG, em 2010 pelos poetas do Movimento de Arte Aldravista, Andreia Donadon Leal (criadora da palavra), Gabriel Bicalho, J.B.Donadon, Leal e J.S.Ferreira. É um poema de seis versos univocabulares, com iniciais minúsculas, sem pontuação e preferencialmente metonímico. A Aldravia é, pois, um poema de seis palavras dispostas de forma a sugerirem livre construção de significações” (Giseli Barros, p. 4).

Através da abordagem sobre literatura e arte, um dos componentes curriculares do projeto, a tradição oral foi discutida com o grupo de garimpeiros, no qual eles apropriaram as perspectivas da oralidade através das “falas” e dos

símbolos, com isso, fortaleceu e potencializou a oralidade do grupo, reforçando a importância das discussões sociais para a garantia de direitos, principalmente pelo movimento dos garimpeiros e garimpeiras de Antônio Pereira.

A história do distrito foi assistida e discutida a partir do Seminário apresentado pela equipe do Projeto do Pereira.doc, projeto de pesquisa sobre a saúde do distrito, que faz parte do Programa de extensão e pesquisa de “Mãos dadas com Antônio Pereira”. Após o seminário, durante uma roda de formativa (Assis, 2023), foi apresentado o gênero textual, Aldravia, a partir dessas informações os garimpeiros e garimpeiras foram estimulados a pensarem sobre as palavras de “lugares na memória” e produziram poemas, a partir dessas palavras, que foram utilizadas como palavras geradoras no processo de alfabetização.



Figura 8. Aldravias produzidas pelos participantes do projeto Garimpendo Saberes de Antônio Pereira, 2023.

Fonte: (Projeto “De Mãos Dadas com o Pereira”, 2022).

Resultados e Discussões - narrativas pedagógicas

O chão e o giz: Minha trajetória na educação de adultos e idosos, por Carla Dayane Moreira Dias

Ao fazer acontecer este projeto de alfabetização libertadora para uma comunidade garimpeira tradicional, nunca imaginei que seria tão satisfatório participar da vida das pessoas para contribuir na mudança das suas realidades atuais, muitas vezes impactadas pela falta de oportunidade dos estudos. Vivências de abandono da vida escolar são numerosas num cenário comum de uma comunidade centenária ainda não reconhecida aos olhos das autoridades locais, embora ao mesmo tempo seja vista para ser explorada pela mineração predatória da região.

Esta comunidade é Antônio Pereira, distrito de Ouro Preto/ MG, Região do Inconfidentes. Muitos, neste território, ainda são analfabetos ou semianalfabetos, e com essa condição são altamente prejudicados na participação consciente das políticas públicas, ficando então vulneráveis, fragilizados nas lutas para reivindicar e conquistar os seus direitos. O pouco acesso ao conhecimento e aos modos de organizar a fala dificulta o poder de argumentação para suas histórias, na produção de textos e materiais para comunicarem o que necessitam, até que sejam ouvidos e compreendidos. Hoje, graças ao Projeto Garimpendo Saberes, que chegou para abrir horizontes para esse povo lutador rico em experiência de vida e trabalho, fica evidente para mim que eles se posicionam bem mais esperançosos em sair dessa ignorância que as dificuldades da vida lhes trouxeram.

Como professora de alfabetização e letramento desses adultos e idosos, vejo nos seus olhos cansados de um dia árduo de trabalho uma disposição admirável em adquirirem todo o conhecimento que puderem. Com isso, percebe-se que o que mais lhes estimulam é o acolhimento e a sede do saber. Receber amor e carinho do professor é crucial na permanência do aprender e nessa empatia compreendemos o lugar do outro,

abrindo-se um leque de respeito e solidariedade; caminhando assim chegaremos a tão sonhada educação libertadora e cognitiva.

É gratificante trocar conhecimentos com esses alunos tão especiais, valorizando o potencial de cada um. Creio que, desse modo, construiremos juntos um rico caminho do aprendizado, num ambiente agradável e assim vamos andando sem enfraquecer, chegando a um futuro promissor.

A poética do garimpar, na visão de Sara Helena Quintino

Que horas são? 2023, momento de resistência democrática. Como educadora brasileira, meu olhar repassa as *veias abertas da América Latina* para narrar algumas sensações que têm marcado minha trajetória neste projeto de alfabetização para garimpeiros tradicionais num território que foi berço da mineração. Em perspectivas gerais, estamos a (re)conectar certos elos institucionais que fundamentam a própria percepção coletiva do espaço escolar, inclusive dadas as feridas deixadas pela pandemia da Covid-19. Neste revolver da terra, estamos todos mergulhados em nossos ressurgimentos na tentativa poética, eu diria, de firmar nossas identidades individuais em confluência com as coletivas. Em minha trajetória profissional, trabalhar como educadora na rede pública de ensino e na alfabetização de jovens e adultos garimpeiros, convoca uma narrativa de balizamentos e contrapontos.

O grande engasgo que me acompanha ao longo de minha trajetória como docente do ensino fundamental, em especial de “Língua Portuguesa”, é vivenciar certos dramas escolares da grande maioria dos jovens e crianças sentidos em suas diásporas pelo território brasileiro. Haveria outro dispositivo de poder mais colonizador do que a

manutenção sistemática de uma intenção normativa da língua materna que exclui e segrega em sua própria metodologia de ensino num espaço desenhado para estratificar a massa social? Se até mesmo os modernistas contestaram o direito à desnudez da gramática, o que protestariam os assujeitados nas dinâmicas das sociedades de cultura escrita apontados e justificados pelo preconceito linguístico? Enfim, a doxa “eu não sei falar e entender o português” tem sido para mim a pedra no meio do caminho da educação.

Do lugar de fala do professor de Língua Portuguesa, aquele idealizado o mantenedor e guardião da norma culta de acordo com os preceitos classicistas, quais os incômodos que essa função social estabelecida pelas classes dominantes (...e ainda uma profissão mal paga) geraram e geram em mim? Inúmeros. Preparar e conduzir uma aula de acentuação gráfica ou sintaxe sempre foram ações desafiadoras para mim, não que não sejam constitutivas e previstas em currículos básicos comuns como acesso aos códigos da alfabetização, mas acredito que pouco refletiam sobre a rica abordagem garantida pela heterogeneidade constitutiva das expressões de linguagem sedimentadas pelo ser humano em diversos vasilhames culturais. O “dever” ensinar a linearidade cartesiana sinalizada por canetas vermelhas, que postula que todo texto deveria ter “começo, meio e fim”, por exemplo, alinhado ao princípio do imperialismo radical que encerra o ensino da língua a um jogo de poder social, fermentaram em mim a vontade de trilhar outras possibilidades de consorciar o ensino de eixos gramaticais que estruturam os enunciados ao uso social da linguagem, de forma a potencializar a pragmaticidade de uma gramática viva a disposição dos sujeitos em seus processos de subjetivação das experiências de mundo.

O debate então tem seguido no confronto a certas “amarrações” daquele ensino de língua materna que projeta em sua performance a imagem mesmo de um rolo compressor que passa por cima das subjetividades de cada estudante na medida em que torna imperativa a sensação de que os usos da língua devem orbitar no eixo do poder no qual a gramática seja o centro, quando confio na ideia de que a gramática deve orbitar em torno do sujeito. Quais seriam então os eixos desta disputa?

Esta constante revisão das projeções de minha atuação como professora entrou de fato em erupção, digamos assim, na ocasião em que me fiz leitora de Frantz Fanon dentre outras perspectivas que interrogam os desdobramentos ontológicos em torno dos processos da colonização europeia, deflagrou-se em minha mente e coração um desencadeamento de inquietações sobre minha própria ancestralidade. O encontro com Ubuntu, ainda que íntimo, solitário, fragmentado e limitado pelo contexto pandêmico, acelerou minha pulsão para uma ação política diante deste mal-estar provocado inerente a um professor de língua materna. Hoje, quando convoco minhas angústias em entender como o processo de escolarização e alfabetização é capaz de “adulterar” o poder inventivo da linguagem, consigo perceber nitidamente que a normatividade da língua materna, da forma como aplicada do ensino fundamental ao superior em suas projeções socioculturais, materializa todo o sistema de colonialidade da sociedade brasileira, caracterizada pela demarcação linguística-material dos corpos postos às margens da integração social, silenciados já nos primeiros anos escolares.

Hoje, ao interagir com o grupo de garimpeiros para colocar em realce o poder literário, reacende-se em mim o desejo de encarar e desafiar o perigo

da história única no campo de ação dos sistemas educativos. As vozes ancestrais de pesquisadores que hasteiam a bandeira da educação libertadora fazem coro dentro de mim. Em sala de aula, contemplo em silêncio os olhares atentos deles a cada grafia das palavras, os caminhos deixados pela dança entre lápis e borracha no caderno, a escuta carinhosa de cada narrativa, enfim, o entusiasmo coletivo faz a mágica da educação acontecer. A cada encontro, uma obra de arte vai sendo composta pela alquimia de experiências e saberes, que se misturam e se complementam na formação de uma *comunidade de aprendizado*, tal como sugere Bell Hooks (2017, p.18).

Mas o entusiasmo pelas ideias não é suficiente para criar um processo de aprendizado empolgante. Na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros. Visto que a grande maioria dos alunos aprende por meio de práticas educacionais tradicionais e conservadoras e só se interessa pela presença do professor, qualquer pedagogia radical precisa insistir em que a presença de todos seja reconhecida. E não basta apenas simplesmente afirmar essa insistência. É preciso demonstrá-la por meio de práticas pedagógicas. [...] O entusiasmo é gerado pelo esforço coletivo.

O interesse pela presença do outro e de seu cotidiano mais imediato não só legitima cada encontro, como também fermenta em mim um forte entusiasmo em compreender o racismo epistemológico que atravessa as práticas de ensino-aprendizagem como também em ocupar meu lugar de professora de Linguagens para também resistir, buscando formas de descolonizar o acesso às dinâmicas estruturais da língua portuguesa em suas confluências com as línguas

de matrizes afro-ameríndias. Em certos momentos diante das divagações que tecemos ao longo dos encontros, questiono-me: como se desenrolariam os processos do descrever, do narrar, do explicar e do argumentar em currículos pluriversais e multiculturais? Como construir um currículo de língua e linguagem multicultural concreto o suficiente para potencializar o sol de cada um em jornadas acadêmicas? Como devolver a ludicidade à gramaticalidade do discurso a fim de empoderar os sujeitos no uso semiológico de seus vasilhames culturais? Como conduzir processos de escrevivência que comportariam nossas memórias discursivas como uma comunidade de aprendizado?

Penso e sinto que, se nossos ancestrais passaram pela árvore do esquecimento antes de embarcarem ao desconhecido em navios transatlânticos, nossa missão no presente é refazer o caminho, a fim de resgatar um pensamento filosófico que assente nossas diásporas em novos sentidos, preenchidos por novas possibilidades de bem viver em conexão com o espaço que ocupamos neste globo. As narrativas e saberes guardados pelos garimpeiros atestam não somente para uma atividade econômica tradicional, mas antes um modo de ser e estar em confluência com a natureza. Estou convicta de que a essência desse caminho *Sankofa* seja a nossa relação com a linguagem, como dispositivo estruturante de nossa interação com a realidade experimentada, dado que se não há palavra, não há construção subjetiva da realidade. Creio em sintonia com Bell Hooks que educar é um ato teatral. No desenrolar deste projeto, estamos a encenar um mundo melhor, girando todos numa ciranda de subjetividades que se contrapõem e se alicerçam no viver, que se deseja digno, democrático e abundante no sentido de lançar sementes de puro esperançar.

Considerações Finais -

Conclusões Germinares

Que podem um trabalhador camponês ou um trabalhador urbano retirar de positivo para seu que fazer no mundo, para compreender criticamente, a situação concreta da opressão em que se acham, através de um trabalho de alfabetização em que se lhe diz, *adocicadamente*, que ‘asa é de ave’ ou que ‘Eva Viu a Uva’? (Freire, 2007, p.17. C)

A realização deste projeto conduziu-nos a variadas inquietações sobre os efeitos do analfabetismo em uma comunidade atingida pelos dados colaterais de toda ordem próprios aos investimentos minerários pelo mundo.

O analfabetismo resiliente, absoluto ou funcional, são consequências da exclusão do passado, que deixaram seus sinais no presente e não permite possibilidades do futuro para muitas pessoas.

As desigualdades social e educacional caminham paralelamente, a desvalorização da educação para pessoas que não tinham muitos recursos financeiros, ainda persiste, principalmente quando se pensa em acabar com o analfabetismo no país. A exclusão social está muito bem referida nas palavras de Galvão e Di Pierro (2007, p. 16).

Alguns foram à escola por períodos curtos e descontínuos, onde realizaram aprendizagens pouco significativas, e vivenciaram experiências de fracasso, castigo e humilhação. A interrupção dos estudos e o reduzido uso social das habilidades adquiridas na escola levaram posteriormente à regressão a condição de analfabetos.

Infelizmente, o problema não é só educacional, pois são marcas de um processo de exclusão que sempre existiu. A proposta e as

causas para sua criação é minimizar o sofrimento de um grupo de vulneráveis de uma comunidade atingida pelas barragens da mineração que requer políticas públicas emergentes.

A palavra garimpar nos leva a várias investigações e pesquisa a partir de seu significado, foi o tema gerador de todo processo de criação do projeto, que sensibilizou a construção de um modelo educativo inovador que minimizasse o sofrimento das pessoas e as empoderassem. Por isso, não poderíamos ter termo melhor para finalizarmos essa narrativa.

Garimpar: termo que deriva de grimpar, “subir por terreno difícil”, do francês *grimper*, do frâncico *gripper*, “pegar, agarrar com força”. Ainda que nossa memória agrupe o ato de garimpar à prática minerária, este verbo, em suas raízes etimológicas, evidencia o tom que marca nossa trajetória educativa ainda em curso: agarrarmos com força os preciosos saberes que molduram o território de Antônio Pereira seus três séculos de existência em comunhão com a terra.

Caminhamos por terrenos difíceis, mas que foram adulterados por políticas de racismo ambiental. Assim, nossa proposta de educação libertadora é de certa forma “lapidar” as pedras deixadas pelo caminho da colonização e exibi-las num cenário democrático que torne possível semear uma realidade digna de vida. No grande mosaico que vamos moldando, história de vidas, memórias de lugares, afetos, sensações, saudades entre outros elementos do nosso mundo de vida são acolhidas e compartilhadas em grupo. As rodas, físicas e metafísicas, criam elos que aos poucos fortalecem a comunidade em suas memórias mais ancestrais.

Espera-se que esta experiência seja um caminho para novas práticas de empoderamento de pessoas, unidas por um ideal, que precisam de

ajuda para perceberem que são patrimônio humano, guardiões de saberes culturais.

Por isso finalizamos e concluímos essa linda narrativa com o título de um livro do nosso grande mestre Paulo Freire (Freire; Horton, 2003): “O caminho se faz caminhando” e que nesse caminho de paixão e esperança, outros caminhos possam ser abertos para inspirar pessoas que querem aprender, reaprender a partir de mudanças sociais que liberta através do amor e da justiça.

Agradecimentos e Financiamento

Agradecemos toda a comunidade e profissionais das escolas, posto de saúde, associações, instituições, movimentos e representantes do distrito histórico de Antônio Pereira, Ouro Preto, Minas Gerais. A Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), o Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Ouro Preto (IFMG) e a Universidade Federal de Viçosa (UFV). O projeto de extensão “Garimpando saberes de Antônio Pereira: educação libertadora para adultos e idosos” é financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo Apoio a projetos de extensão em interface com à pesquisa (APQ_03101_22).

Referências

Agência Brasil, disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-09/analfabetismo-resiste-no-brasil-e-no-mundo-do-seculo-21>> Acesso em: 13 set. 2023.

ASSIS, A. Os sentidos da roda: práticas grupais na investigação qualitativa em saúde. **New Trends in Qualitative Research** (NTQR), v. 18, p. e842-e844, 2023.

BARROS, Giseli (org.). **Aldravia**: na via de florescer. Mariana: Editora Aldrava Letras e Artes. 2019.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, P. **Entrevista**, 1993. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/266/paulo-freire->

[nos-podemos-reinventar-o-mundo](#) . Acessado em: 17 de set de 2023.

FREIRE, P. HORTON, M. **O Caminho Se Faz Caminhando**. São Paulo: Vozes, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira e DI PIERRO, Maria Clara. **Preconceito contra o analfabeto**. São Paulo: Cortez. 2007

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017.